

# 69 Segurança abaixo do necessário

■ Daniel Dantas diz que nem reservas livram o país de uma crise financeira mundial

SÃO PAULO — O economista Daniel Dantas pode ser um defensor declarado do Plano Real, mas também vê problemas com a política econômica do governo. Ontem, num seminário em São Paulo, ele concordou com dois ilustres economistas, seu ex-professor do Massachusetts Institute of Technology e consultor de vários governos e empresas Rudiger Dornbusch e o ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore. O real está supervalorizado e os juros excessivamente altos. As reformas não andam e o país, mesmo contando com um grande volume de reservas estrangeiras, está vulnerável a uma eventual crise de confiança dos investidores internacionais ou mesmo uma crise mundial do mercado de capitais.

"Poderíamos estar mais bem preparados para uma eventual crise externa. Elas se repetiram nos últimos anos com certa regularidade e, desta vez, nossa margem de segurança está abaixo do desejado", argumentou.

Para Dantas, o risco maior de uma crise mundial está no mercado internacional de capitais. "O setor financeiro é o mais provável candidato a aceitar o convite", ironizou, lembrando que desde a década de 70 esse setor expandiu-se a taxas de 30% ao ano. Enquanto isso, o produto nacional da maioria dos países cresceu a mero 3% ao ano. "A remuneração do setor tem sido enormemente desproporcional à sua contribuição para a atividade produtiva e isso representa um risco", disse.

Dantas também mencionou a taxa de desemprego e a crescente insatisfação com o governo como problemas para o Plano. Mas acredita que o pres-

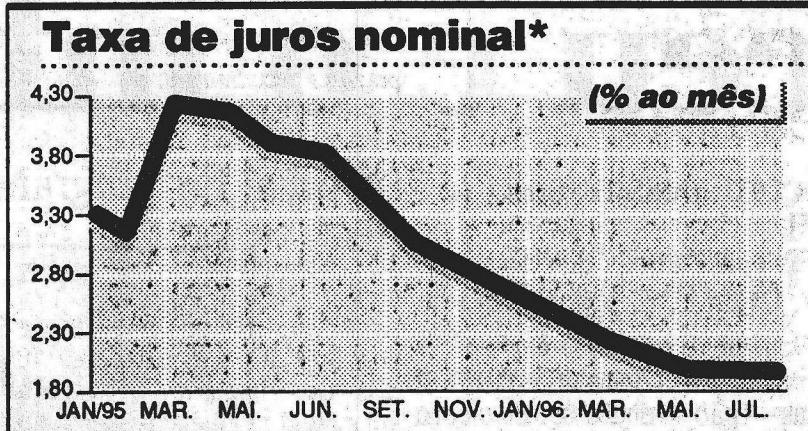
**"Mesmo com grandes reservas, o país está vulnerável a uma crise"**

Daniel Dantas

dente Fernando Henrique não precisa se preocupar com queda de popularidade e deveria tocar as reformas e alterar os rumos do Plano Real onde for necessário. "O presidente não precisa de popularidade agora, mas só mais à frente, quando quiser se reeleger. O que ele precisa agora são resultados".

Para o economista, a polêmica lançada por Dornbusch, argumentando que o Brasil tem condições de crescer 7% ao ano (e não os 3,5% previstos para 1996), mesmo que seja necessário afrouxar o controle monetário e permitir uma inflação anual de 20%, não faz sentido agora. "Dornbusch está falando de uma agenda para o país que virá depois que o Plano Real se consolidar. Por enquanto, o perigo de volta da inflação alta é muito grande. Quando a inflação começa a subir é muito difícil reverter. É melhor errar pelo excesso de zelo, fazendo cair os juros lentamente, testando os resultados", argumentou. (C.S.)

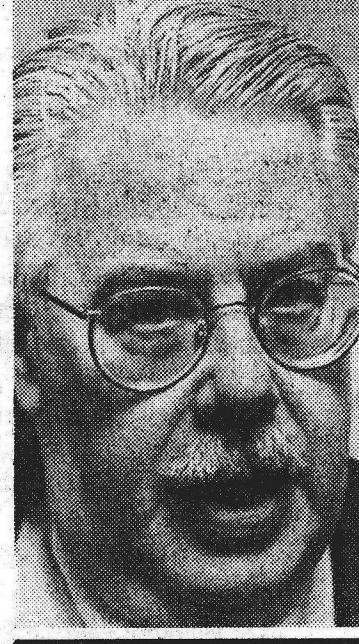
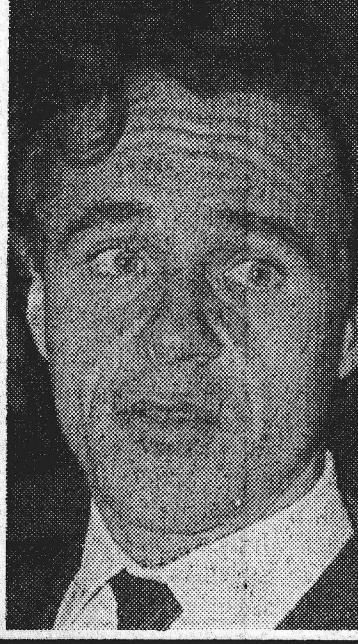
Economia - Brasil



\*Projeções dos contratos futuros da BM&F / Fonte: BC e BM&F



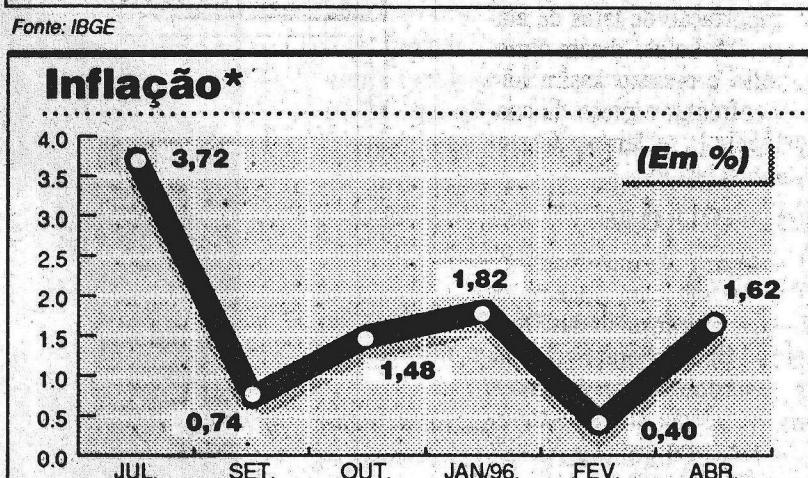
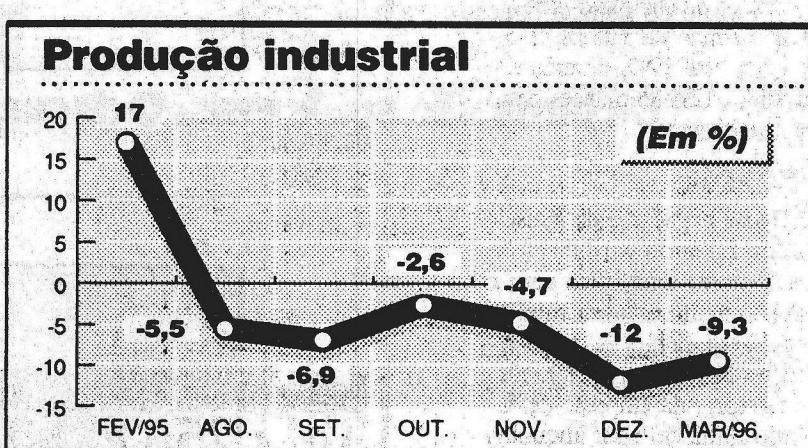
\*Percentual na população economicamente ativa / Fonte: IBGE



**"Mesmo com grandes reservas, o país está vulnerável a uma crise"**

**"É preciso mudar a política econômica pois a atual vai manter a estagnação"**

Affonso Celso Pastore



\*IPC/FIPE

ano passado elevou o custo dos empréstimos bancários para o setor privado. Isso resultou numa desaceleração de produção industrial, principalmente nos setores têxtil, de bens de capital e construção civil. "O contracionismo monetário foi muito forte para compensar o expansionismo fiscal, e isso teve consequências sobre o regime cambial".

Pastore ressaltou a necessidade de se produzir um severo ajuste fiscal. No ano passado, mesmo a receita tributária tendo atingido o nível recorde de 30% do Produto Interno Bruto (PIB), o déficit público operacional foi de 5% do PIB, depois de o governo ter registrado em 1994 superávit de 1,3%. "O crescimento desse déficit foi devido ao aumento dos gastos dos estados, da folha de pessoal da União e da dívida pública", disse. Pastore afirmou que o governo não precisaria esperar a aprovação das reformas que estão no Congresso para tomar medidas de ajuste fiscal. "Por que o governo não acelera o programa de privatização?", indagou.